



# **FORÇAS ARMADAS: TRANSIÇÃO E CONFLITOS NAS OPERAÇÕES DE PACIFICAÇÃO FRENTE À CIBERNÉTICA \***

**Maria Helena de Amorim Wesley**



Rio de Janeiro – Junho de 2014

\* Trabalho apresentado no XIII Ciclo de Estudos Estratégicos. ECEME - 03 a 05 de junho de 2014. Rio de Janeiro.

## **SUMÁRIO**

<b>RESUMO</b>	<b>03</b>
<b>I - INTRODUÇÃO</b>	<b>05</b>
<b>II - SEGURANÇA, INFORMAÇÃO, TERRORISMO E FRONTEIRAS</b>	<b>07</b>
<b>III - TRANSIÇÃO, AMEAÇAS E CONFLITOS</b>	<b>10</b>
<b>IV - FORÇAS DE PAZ E CONFLITOS EXTERNOS</b>	<b>12</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>14</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>18</b>

## RESUMO

O impasse existencial hodierno não é exclusividade de um ou outro país. A exigência de novos padrões de vida e, sobretudo, de novos modelos sócio-políticos corresponde a uma tentativa coletiva arriscada em busca de sobrevivência, onde todos estão ligados a todos e a tudo, interdependentes e, por saldo, co-responsáveis.

Nesse cenário, imperativos internos e externos são cogentes aos distintos sistemas que estruturam o Estado e as FFAA, cujos mecanismos de *informações* ascendem como instrumentos indispensáveis ao processo de tomada de decisões políticas e militares, a fim de alcançar maior eficácia, pautando-se na análise e no conhecimento que corroborem para uma participação real em organizações internacionais, visando maior segurança e desenvolvimento e onde as Forças de Paz não sejam vistas somente como simples instrumentos de ocupação.

As diversas missões de paz que, vistas sob outro ângulo não deixam de caracterizar uma ocupação estrangeira e cuja manutenção e gastos anuais sugerem certa imprudência diante das fissuras na organização do Estado Brasileiro ocorridas nas três últimas décadas, e podem ter contribuído para o vazio no poder ocupado pelo poder paralelo.

As mesmas tecnologias de comunicação que possibilitam a integração e a coordenação do trabalho das diversas instituições acarretam a iminência de incursão ou boicote do sistema por *hackers* ou *ciberataques*, que encontram terreno fértil na abertura e na porosidade fronteiriça, que facilitam a circulação e desenham uma nova dimensão em escala global, gerando fronteiras nem sempre coincidentes com a antiga concepção de segurança e originando grande desafio, diante do território amplo e diferenciado, dificultando inovações e gerando conflitos internos. E o descaso com a capacitação das FFAA e do Serviço Diplomático já sinaliza uma concepção de soberania plena restrita aos países desenvolvidos escudados em *nobres causas* que deterioram e limitam a soberania de países emergentes.

Palavras-chave: segurança - pacificação – terrorismo – cibernética - fronteiras

## ABSTRACT

Today's existential impasse is not exclusive to one country or another. The requirement for new standards of life and especially of new socio-political models corresponds to a risky attempt at collective pursuit of survival, where everyone is connected to everyone and everything, interdependent, and balance co-responsible.

In this scenario, internal and external imperatives are cogent to the different systems that structure the state and the armed forces whose mechanisms of light as information essential to the making of political and military decisions to raise more effectively, basing on the analysis and process instruments corroborating knowledge to a real participation in international organizations for greater security and development and where the Peace Corps is not seen only with simple tools of occupation.

The various peace missions he seen from another angle they nevertheless characterize a foreign occupation and the maintenance and annual expenditures, suggest certain recklessness on the fissures in the organization of the State occurred in the last three decades and may have contributed to the void in power occupied by parallel power.

The same communication technologies that enable the integration and coordination of the work of the various institutions lead to the imminent incursion or boycott the system by hacker or cyber attack which find fertile ground in the opening and border porosity facilitating movement and draw a new dimension in scale generating global boundaries do not always coincide with the old security concept and giving great challenge, and the extensive and differentiated territory , hampering innovation and generating internal conflicts . And the neglect of the training of armed forces and Foreign Service already signals a concept restricted to developed countries full sovereignty shielded by noble causes that undermine and limit the sovereignty of emerging countries.

Keywords: security - peace - terrorism - cyber - borders

## I - INTRODUÇÃO

Além do planejamento e da concretização de intervenções defensivas e ofensivas, características das ações consagradas, a exigência em também gerir conflitos híbridos (rebeliões, terrorismo) as Forças Armadas atualmente vêm enfatizando o relevo do campo de conhecimentos sobre as díspares culturas, ratificando a proeminência desses estudos nos conflitos hodiernos e a disseminação de forças imprevisíveis (contrárias e aliadas) sobrevividas pela cibernética na sociedade coloca a cultura como elemento basal na elaboração de objetivos estratégicos que extrapolam o meio físico (Wesley, 2013).

O impasse existencial hodierno não é exclusividade de um ou outro país. A reivindicação, destarte, de novos padrões de vida e, mormente, de novos modelos sócio-políticos onde se acredite reencontrar o cerne da aventura humana e a sua revelação existencial, obedece a um experimento coletivo arriscado em busca de sobrevivência.

Travessia difícil, considerando-se que a formação sociocultural brasileira provê e patrocina numerosos personagens extravagantes. E nem sempre os comentários midiáticos analisam a profunda desesperança, mãe da descrença, que se apossou do povo brasileiro, prendendo-se mais as querelas político-partidárias individuais. E a descrença é o que temos de pior no cenário, considerando que a História está cheia de exemplos, independente, obviamente, dos atuais avanços científicos e tecnológicos.

Centrando a atenção na transição atual sob o ímpeto da computação na sociedade e na cultura, tentar-se-á compreender a bizarra realidade que parece resvalar para um futuro problemático, sopesando civis e militares como **brasileiros**. É difícil, mas não impossível.

A recente configuração de ameaças à segurança e aos valores dos Estados democráticos, revelada na instabilidade do sistema internacional, patenteia-se na dispersão dos centros de decisão, na manifestação de atores aleatórios, na oscilação do poder e na reorientação da ordenação dos interesses do Estado, compelindo à adoção de estratégias atualizadas na prevenção de conflitos e de ameaças, mormente as contidas no **terrorismo** hodierno cujas ações planejadas e coordenadas com poucos meios surpreendem e arrasam (Wesley, 2013).

Nesse cenário, imperativos internos e externos são cogentes aos distintos sistemas que estruturam o Estado e as Forças Armadas e onde os *mecanismos de Informações*, agora ampliados pela *internet*, crescem como instrumentos indispensáveis ao processo

de tomada de decisões políticas e militares, mais flexíveis e aproximadas, a fim de alcançar maior eficácia, pautam-se na análise e no conhecimento que corroborem para uma participação concreta em organizações internacionais, visando maior segurança e desenvolvimento e onde as Forças de Paz não sejam vistas somente como simples instrumentos de ocupação (Costa, 2009).

Cabe advertir, contudo, que no processo de amoldamento das Forças Armadas, a partir dos anos 90, se detectam vestígios de ranço histórico nos diversos escritos que se debruçam na análise do atual papel dos militares considerando-se a ênfase dispensada à *subordinação* militar ao poder civil e na necessidade daqueles em repensarem seu papel institucional perante as novas ameaças.

Ocorre, porém, que no cenário do século XXI, as *novas ameaças* – nem tão novas – *não dizem respeito somente às Forças Armadas*, mas sim a toda a sociedade<sup>1</sup>.

A permanente diferenciação entre civis, militares, diplomatas<sup>2</sup> e demais categorias que têm sobre os ombros a responsabilidade de conduzir o futuro, não pode se fixar em insistir na **restrição reflexiva** exclusiva para os militares, sob pena de dar continuidade a histórica estagnação mental implantada há mais de uma década que desvencilha grande parte da população da atribulada – mas necessária - função de amadurecimento.

Despojadas da atividade reflexiva ao longo da vida por inclinações políticas partidárias que permeiam a recente história nacional, a população permanece recorrendo às Forças Armadas como solução para as desditas sobrevindas pelo bloqueio solerte ao conhecimento, agora sob a ameaça da *internet* confirmando o fato de que sujeição não acarreta interação como se pode observar na foto.

Certamente o fortalecimento das diferenciações contribuiu para o desalento que ora se abate na sociedade, diante do esvaziamento de valores socioculturais que sobreviveram com as inovações cibernéticas.

Na nova conjuntura **todos os segmentos sociais** devem refletir sobre a validade existencial e a computação seguramente desfaz – para o **bem** e para o **mal** - bloqueios e limitações convencionais o que não significa extinguir a História.

---

<sup>1</sup> Esta autora ratifica sua concepção na inexistência de uma sociedade civil e uma sociedade militar concebendo tão somente uma sociedade composta de brasileiros.

<sup>2</sup> A ruptura entre Diplomacia e Forças Armadas foi foco em trabalho anterior (Wesley, 2010).



Mobilização em Minas Gerais próximo ao Viaduto do Anel Rodoviário de Belo Horizonte (Domingo, 08 de Junho de 2014)

## 2 - SEGURANÇA, INFORMAÇÃO, TERRORISMO E FRONTEIRAS

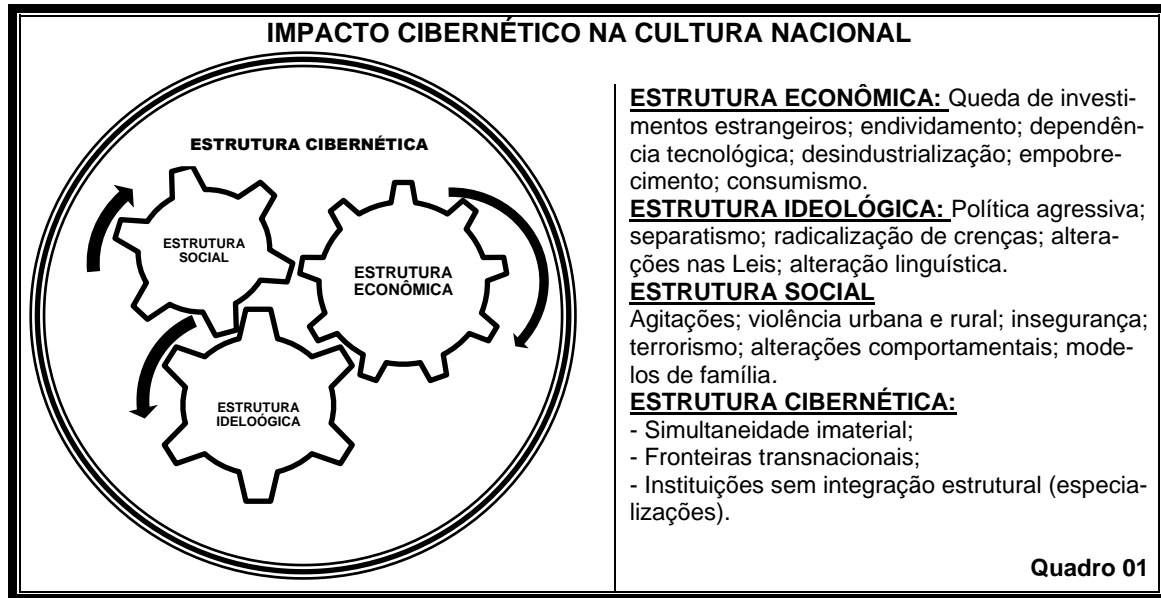
O caráter interdisciplinar da Cultura, que baseia os estudos científicos do panorama nacional, tradicionalmente enfoca as estruturas *Adaptativa*, *Associativa* e a *Ideológica* de onde toda e qualquer alteração para sua transformação (nem sempre evolução) ocorria inicialmente na *estrutura adaptativa (econômica)*, enquanto a *estrutura ideológica*, contendo os elementos mais resistentes às mudanças, sempre foi a última a sofrer alterações.

A inversão na ordem das estruturas, que anteriormente assinalava alterações, primeiramente na *estrutura adaptativa*, agora ocorre na estrutura ideológica e as consequências são imprevisíveis<sup>3</sup> (Wesley, 2012).

Acresce destacar que o sistema político internacional contemporâneo, imerso em questões que nenhuma geração prévia teve de arrostar, tem na globalização uma agenda política carregada de novos riscos e novas dúvidas. Marcada como sendo uma tripla revolução – tecnológica, econômica e sociocultural – a *Estrutura Cibernética*, responsável pela transformação de todos os paradigmas sociais perpassa, envolve e altera as demais estruturas (*Adaptativa*, *Associativa* e *Ideológica*) que constituem as culturas (Quadro 01). A História e a Cultura foram decisivamente alteradas pela comunicação e pelo mercado, passando a compor o pilar do sistema atual, onde a *Internet*, como ferramenta cibernética,

<sup>3</sup> Pode-se somente inferir um maior controle sobre a sociedade e os meios de comunicação, o rompimento do modelo político patriarcal, o esvaziamento de modelos sociais, alterações nas relações produtivas (trabalho, economia), radicalização de crenças, novas formas de violência (perda da privacidade e práticas terroristas), estímulo à importação tecnológica (com a geração de dependência), e inversão da ordem tradicional, com a ressalva de que não basta ter acesso e informação tecnológica: é necessário que esta tenha conteúdo a fim de construir conhecimento. (Wesley, Quadro 1, 2013, p. 06).

institui a essência, o entroncamento e a síntese da grande transformação em curso, agindo como multiplicador do conhecimento coletivo através da informação,<sup>4</sup> onde as idéias se movimentam e minimizam a importância das fronteiras e limites políticos culturais convencionais.



Ao infligir um agudo rejeite nas fronteiras físicas e políticas, o Território Virtual ou *Ciberespaço* subtrai parte da realidade conceitual clássica de território e limites, conferindo uma idéia nova, de rede, fundamentada pela localização da informação como elemento identificador do território, instituindo uma nova modalidade de fronteira transnacional, onde a indiscutível acuidade do conhecimento cultural antropológico pode desvendar o **cerne dos conflitos** ora vivenciados e revestidos de crescente violência, seja no meio urbano, no meio rural e pulsando nas fronteiras físicas conformando fatores que atingem de forma letal a Soberania e a Segurança tornando cogente apreender as *diversidades culturais* das sociedades alvos das missões de Paz ou das Pacificações seguramente pode precaver precipitações desastrosas (Wesley, 2013).

Atualmente Estados, empresas e indivíduos estão vinculados por um comércio global, transportes e tecnologias de comunicação, permitindo que qualquer indivíduo, em qualquer parte do mundo possa anuir ao conhecimento, colaborar e competir de forma global (Ramonet, 2002), mas também possibilitam outros usos dos meios de comunicação

<sup>4</sup> Em trabalho anterior já se fez a diferença entre *informação* e *conhecimento*.



no aperfeiçoamento da criminalidade, pedofilia, assédio e outras faces negativas existentes em todas as culturas que caracterizam novos TOs<sup>5</sup>.

As *informações*, intrínsecas à natureza e atividades militares, independem do momento histórico e do território, face ao emprego militar fora do território nacional, em missões diplomáticas e de Apoio à Paz, cuja missão primeira é garantir a defesa militar do país, ou a quem, no estrangeiro, o está a dignificar. Esbarram, contudo, na dificuldade para estabelecer fronteiras e limites nas dimensões espaciais e cibernéticas nomeadamente no Brasil que sequer tem satélite próprio (Oliveira, 2012).

Não obstante o alcance do espaço físico seja largamente ressaltado nas Missões de Paz, e mesmo nas Missões de Pacificação, os empreendimentos atuais baseados na modernização tecnológica, atribuem à integração e coordenação decorrentes das tecnologias de comunicação e da circulação de informações, conhecimentos bem além do mero agrupamento de pessoas para que se possa estabelecer uma **zona tecnológica** (Barry, 2001), diferente do espaço físico ou território convencional, constituída por conexões estabelecidas entre pontos que devem ser tecnologicamente análogas, mesmo com diferentes graus de conhecimentos, interesses e atuações, aptos a se comunicarem sem grandes distorções, através de uma mesma linguagem tecnológica o que resulta em um dos principais desafios no estabelecimento de *zonas tecnológicas* de ação coordenada (Novaes, 2012, p. 28).

A dificuldade de criar uma **zona tecnológica** gera outra questão prática que ocorre, infere esta autora, perante o envolvimento e penetrabilidade do fator cibernético nas estruturas tradicionalmente conhecidas (econômica, social e ideológica), afetando todas as táticas quando se busca estabelecer sistemas públicos ou de segurança atrelados à imprescindibilidade de delimitação e controle de suas fronteiras. As mesmas tecnologias de comunicação que possibilitam a integração e a coordenação do trabalho das diversas instituições trazem a iminência de invasão ou boicote do sistema, situação recorrente e conhecida como **hackerismo**, ou **ciberataques** que podem ser considerados, por analogia, elementos dolosos do Território Cibernético que compõe a realidade da cultura contemporânea nas mais diversas sociedades e que merecem importante atenção nas estratégias e nas missões de paz e pacificação.

---

<sup>5</sup> Os novos TOs (Teatros de Operações) serão foco de análise em trabalho ainda sendo elaborado.

As iminências contidas no ciberespaço e os diferentes prejuízos resultantes a partir de elementos variados vão desde o roubo de informações de cartões de crédito, apoio a traficantes de drogas e financiamento de operações terroristas tradicionais. Aparelhamentos criminosos transnacionais usam o ciberespaço para ajustar sua força e empreender crimes, baseando-se na fragilidade que os sistemas de informação apresentem, sobrepondo-se às ações de uma guerra cibernética perceptíveis na interceptação, na alteração ou na negativa da informação em ataques contra bancos e servidores web.

O *território cibernético* é um amplo espaço de aplicação da ação estratégica onde a distância deixou de ter significado. A integração multimídia que sobrevém em tempo real e a constante interatividade mostram as implicações das normas da interdependência e do enredamento crescente no quadro das relações internacionais, onde o ciberespaço configura-se como um novo teatro de guerra, aberto a uma pluralidade de atores (Ramalho, 2007).

Os desafios de governos e de organizações privadas arcam agora com uma extensa gama de ameaças e oportunidades simultâneas onde o *território cibernético*, caracterizado pela ampla conectividade, apresenta o poder exercido à distância, instantaneamente, de forma barata e anônima.

### **3 - TRANSIÇÃO, AMEAÇAS E CONFLITOS**

A abertura necessária dos sistemas informáticos para que o funcionamento da comunicação interinstitucional integre os diferentes atores responsáveis pela segurança pública requer, entretanto, um grau considerável de fechamento que resguarde a confidencialidade das informações, minimizando a vulnerabilidade do sistema diante das principais ameaças externas e mantenha uma autonomia mínima das instituições.

A transição em curso desse novo conjunto de abertura (Quadro 02), de esgarçamento fronteiro e de facilidade de circulação, esquematiza uma inovação em escala global onde as associações de unidades políticas em torno dos seus interesses políticos, econômicos, culturais e de segurança originam fronteiras que nem sempre coincidem com a antiga concepção de Segurança de Estado, tornando-a muitas vezes inadequada diante do novo arquétipo e gerando grande desafio ao país diante do território amplo e diferenci-

ado, dificultando inovações e suscitando conflitos que interferem na vida nacional (Wesley, 2011).

Os rompimentos das *barreiras físicas* que abrigam uma nação de ataques ao seu comércio, às suas informações e às suas comunicações favorecem adversários através de redes de computadores e do poder da tecnologia da informação, quando aqueles esquemam a efetivação de atos terroristas, influenciando abertamente as percepções, a vontade de Governos e respectivas populações na busca de definir recursos aptos a abarcar operações no ciberespaço como principal frente para conflitos irregulares tradicionais, já observados e vivenciados no perigo da demarcação em terras contínuas das reservas indígenas, na eclosão da violência em favelas (mesmo após a ocupação parcial das Forças Armadas), e na persistente atuação do tráfico, embora não se descarte que provavelmente essas situações em muito procedam do enfraquecimento da autêntica afinidade necessária entre o governo, os militares e os setores estratégicos (Wesley, 2010).



Na atual conjuntura, sob a ampliação dos atuais meios de comunicação, já se começa a reconhecer, por exemplo, que não cabe somente às Forças Armadas a responsabilidade pela vigilância da Amazônia e das fronteiras. Igual incumbência cabe também aos demais órgãos competentes, numa ação conjunta nas fronteiras e no monitoramento da

região, bem como a conscientização da sociedade sobre os perigos e ameaças à Defesa e Segurança do país.

Entre as várias atuações militares hodiernas se destacam: as missões de paz (Haiti e Congo), as Ações Subsidiárias dedicadas a populações carentes em áreas de difícil acesso como indígenas e ribeirinhos na Amazônia, no Pantanal, no Nordeste, a exemplo da Operação Pipa<sup>6</sup>, e no controverso emprego dos militares nas cidades amparando a segurança pública, rechaçando de forma irrefragável a acentuada desconsideração dispensada aos militares pelo atual governo.

Não se pode olvidar as consequências que uma frágil relação entre governo, militares e diplomatas, coligada aos baixos soldos ou salários de agentes responsáveis pela segurança e defesa, e a residência com seus familiares nos morros ou no seu entorno (problema não enfrentado nas Missões de Paz) favorecem perigosamente a possibilidade de infiltração de o crime organizado tangenciar as instituições pertinentes (Jansen, 2008).

#### **4 - FORÇAS DE PAZ E CONFLITOS INTERNOS**

Após o 11 de Setembro de 2001, independentemente do lugar onde se encontrem, a generalidade das pessoas passou a incluir no seu cotidiano, o terror, a imprevisibilidade e a incerteza, inflacionados pela presença midiática constante e obsessiva, em sociedades cada vez mais excêntricas, complexas e vulneráveis.

A importância do Brasil no mundo o expõe a constante e variadas pressões externas, inclusive no campo militar, o que deveria ser suficiente para uma maior atenção à atual transição do sistema dos Estados, estabelecendo o exame relativo ao anacronismo nacional diante das inovadoras técnicas do terror, que buscam anular o conceito de soberania e a destinação das Forças Armadas na clara intenção de legitimar o direito de ingerências, fragilizando a integridade territorial (Agnew, 2005: 437-461) e por decorrência, a probidade econômica e cultural.

Um dos mais sérios desafios do espaço cibernético reside na segurança econômica nacional do século XXI e procurando ser pragmático, o Brasil alinhou-se à política in-

---

<sup>6</sup> Consiste na mais importante Operação de Ações Subsidiárias, que o Exército vem realizando, há cerca de 14 anos, planejando, coordenando e fiscalizando a distribuição de água potável na Região do Semiárido Nordestino, onde quase 4 milhões de pessoas são beneficiadas. Para isso, são empregados mais de 6350 *pipeiros* (caminhões pipas) que distribuem água em mais de 825 municípios dos Estados da AL, PB, BA, PE, RN, SE, CE e MG, empregando cerca de 2 mil militares nesta Operação, minorando o sofrimento da população nordestina e evitando o êxodo rural para outras regiões no País.

ternacional multilateral estabelecida pela ONU e fixadas na Constituição Brasileira de 1988, através das diversas Missões de Paz que vistas sob outro ângulo não deixam de caracterizar uma ocupação estrangeira cuja manutenção acarreta gastos de cerca de 130 milhões anuais, sugerindo certa inconveniência diante das fissuras na organização do Estado ocorridas nas três últimas décadas e que resultaram em um vácuo no poder ocupado por um domínio paralelo.

Todavia, isso proporcionou aos militares brasileiros o *aperfeiçoamento logístico* e a manutenção de se manterem *sempre treinados* para o emprego das Forças em momentos críticos quando ocorrem picos de violência ou em grandes eventos<sup>7</sup> em território nacional além do aprimoramento no uso de instrumentais tecnológicos recentes<sup>8</sup> cujo acesso e aquisição somados ao empenho ínsito da inclinação militar para a construção do conhecimento atualizado em que pese o gritante declínio nas instituições de ensino do país sugerindo, para esta autora, que os militares de certa forma fizeram seu *dever de casa* na transição que busca a integração, apesar da necrofilia patente no ranço histórico e que muitas vezes se expressa de forma violenta<sup>9</sup>, já considerado anteriormente, dificultando a coerência necessária à construção do futuro.

O conhecimento sociocultural da área de atuação para o planejamento e atuação figura entre os principais requisitos das Operações de Forças Especiais, conforme se observa no zelo ao estudo das populações na MINUSTAH (Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti), e na MONUSCO, sob o comando de um Oficial General brasileiro assessorado por um Estado-Maior multinacional, preocupação reportada nas unidades subordinadas que fazem parte do contingente do Brasil, colaborando, assim, para a preservação dos Direitos Humanos de não-combatentes e reduzindo baixas no público-alvo dos conflitos bélicos.

Restringindo o olhar a MONUSCO<sup>10</sup> (o conflito já dura quase 20 anos e matou cerca de 5,5 milhões de pessoas), observa-se que o conceito de *manutenção* da paz foi alterado para *imposição* da paz. Os capacetes azuis, pela primeira vez desde 1948, têm auto-

---

<sup>7</sup> Comunidade Nova Holanda (Maré), Complexo do Alemão e Copa.

<sup>8</sup> As informações acrescentadas neste parágrafo foram obtidas durante a palestra **Participação brasileira em Forças de Paz: contribuição das Forças Armadas para a política externa**. Gal Augusto Heleno Ribeiro Pereira - XIII Ciclo de Estudos Estratégicos – ECEME 03-05/06/2014. Rio de Janeiro.

<sup>9</sup> Foi encontrado morto a pauladas (crânio arrebentado) o coronel reformado do Exército Aloísio Resende de Mendonça, 79 anos, em Icarai, na Zona Sul de Niterói (05/06/2014). Há suspeitas de que tem um grupo de extermínio executando oficiais da velha guarda. O esculacho com os idosos do Clube Militar e o assassinato do Cel Molinas em 2013.

<sup>10</sup> A maior e mais importante missão das Nações Unidas, conta com um contingente de mais de 22 mil homens de 20 países e orçamento anual de quase US\$ 1,5 bilhão. O General Carlos Alberto Santos Cruz é o comandante-geral, sendo o primeiro brasileiro a comandar *forças militares de agressão* desde a campanha da FEB na Itália,

rização para caçar, prender e matar aqueles que o Conselho de Segurança considerar inimigos. Firma-se, assim, que os soldados das Nações Unidas podem, também, compor uma força de agressão.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo esse cenário leva a ajuizar sobre a distorção da essência das análises quando, sob a égide político-partidária, distancia-se da concepção liberal (na antiga e saudável acepção do termo), geradora da excelência na educação, decisiva para cunhar e conservar uma sociedade livre e afortunada.

Na atual conjuntura não cabe somente as Forças Armadas reinventar sua existência no processo civilizatório. A nova realidade indica que a integração entre Forças Armadas e civis, apesar dos inúmeros seminários sobre defesa e segurança, só surtirão efeito quando se alcançar o equilíbrio nas relações e ultrapassar cobranças e imposições inflexíveis e enfáticas que resultam no vazio, conforme se pode depreender nas constantes e recorrentes afirmações de que as Forças Armadas não estão mais à frente do poder como uma *vitória do setor civil* que subordina os militares.

A realidade hodierna do Brasil legitima o ranço gestado na desordem dos tempos da Regência<sup>11</sup> monárquica e se enraizou na crise econômica que restringiu os seus orçamentos, como consequência das políticas econômicas adotadas durante a primeira década da República e deixaram as Forças Armadas num estado lamentável. A poderosa marinha imperial, que se encontrava entre as cinco maiores do planeta em 1889, foi reduzida a sucata após a Revolta da Armada (1893-4) e a maior parte dos oficiais foi fuzilada em virtude de ser um bastião monárquico; o orçamento do Exército foi diminuído a um quarto do que era no ano final do Império (1889) nos primeiros dez anos da República, caindo ainda mais com os cortes orçamentários resultantes do acordo do *Funding Loan*, de 1898<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> O Brasil vivia a desordem dos tempos da Regência (1831-1840), envolta em inúmeras revoltas civis, como a Guerra dos Farrapos (1835-1845) ao Sul e a Cabanagem ao Norte (1835-1840), e além de os ingleses, os franceses ocuparam dois pontos na margem direita do Rio Oiapoque (no Rio Amapá e na Ilha de Maracá), sob o argumento de defender Caiena, iniciando uma questão resolvida favoravelmente ao Brasil em 1900, graças ao Barão do Rio Branco.

<sup>12</sup> Medida econômica tomada pelo quarto presidente republicano brasileiro, Campos Sales e seu Ministro da Fazenda, Joaquim Murinho, a fim de estabelecer conversações com os bancos credores e tentar negociar uma saída para a questão da dívida interna causada pela política do *encilhamento*.

A mutação histórica presente caracterizada pelo fenecimento da conhecida solidariedade, pela crescente violência do povo contra si mesmo, pelo rancor generalizado que deságua na Copa do Medo que expõe ao mundo a incompetência endêmica que aniquila a esperança de progressos com o perigo de ser irreversível.

Embora racional, o homem é restrito pela ignorância, pelo conhecimento incompleto, e por isso sujeito aos ímpetos das paixões e à sedução da concentração de poder. Mas é justamente o reconhecimento dessas limitações que pode ajudar a delinear debates francos, estruturados que espicace a busca por novos conhecimentos que forneçam algum sentido maior e universal, comum a todos em todas as épocas e onde ninguém necessite sair vencedor, espaço no qual cada um possa retirar o máximo de aprendizado, e assim o respeito ao outro, pelo foco nos múltiplos contextos, se funde no conceito de liberdade, de vida civilizada, capaz de vencer a barbárie, própria a natureza humana, e onde a *internet* figura somente como ferramenta tecnológica que difunde conhecimento ou torna a informação mais trivial.

O Brasil é um imenso Estado, com abissais tentáculos, mas alheio e inábil em áreas cruciais (na segurança pública, na educação qualitativa, no saneamento), e que poderiam elucidar o imperativo de sua existência. A impunidade adicionada ao clima de desordem e anomia do país, revela o fracasso do Estado na sua razão de ser ao descumprir funções básicas com finalidade limitada.

Os mais de 50 mil homicídios por ano, muitos sem solução na justiça, favorecem o aparecimento de *julgamentos populares* no vácuo de poder, onde a civilidade dá lugar à barbárie, o que pode fortalecer um modelo socialista, facultado como o mais justo, mas que fornece somente uma explicação simplista para todos os achaques, acusando os mais abastados e sugerindo a expropriação desses como saída<sup>13</sup>, difundindo o modelo socialista sempre que surge uma ocasião e repelindo o capitalismo - que geralmente lhes fornece tudo que têm - pautados na incontrolável tentação de querer tirar os bens dos ricos escudados no populismo que acoberta demagógicas e estreitas ligações bancárias.

*Nunca antes na história deste país* se viu tanta desesperança com as instituições e o futuro e embora o atual governo não tenha inventado os problemas nacionais, mas a partir de 2003 os políticos são responsáveis pelo adensamento da situação. Após déca-

---

<sup>13</sup> Veríssimo, ao resumir a tese liberal como "*deixar os ricos se lambuzarem que sobrar para os pobres*" (pobre Adam Smith!) culpa o liberalismo pela crise. Diante da insistência nessa falácia basta sacar Cingapura e Hong Kong como exemplos mais conhecidos de economias liberais e bem diversos do que ocorre nas paragens gregas e portuguesas.

das monopolizando a bandeira da ética na política, revelou-se o mais hipócrita e corrupto de todos os governos o que contribuiu intensamente para o esgarçamento social.

A argúcia popular, mesmo que não seja explícita, do colapso institucional, agrava-se com o descrédito dos partidos políticos e dos poderes constituídos. Após os incontáveis escândalos não há como nomear um culpado exclusivo por todo esse drama social, onde passou a valer tudo para a perpetuação no poder. É fato que os eleitores também têm culpa pelas **escolhas** feitas, ao desprezarem as questões\_morais, quando cerca de 55.000.000 de brasileiros abstraíram a Ética em 31 de outubro de 2010 através das urnas, dando início ao pior cenário de retrocesso da História do Brasil que resultou no atual desalento.

A ordem mundial contemporânea, marcada pela globalização de antigas e recentes ameaças promovidas pela revolução tecnológica, ressalta a relevância crescente da análise das culturas, considerando que o arrefecimento das fronteiras físicas renova reações adversas responsáveis por tensões sociais que dilatam o leque de descontentes e críticos indóceis, presentes nas ações de contestação, quase sempre violentas.

A apatia e a insegurança ante os vários prenúncios de protestos e manifestações, redundam em fadiga materializada no embuste cultural que patrocina a inabilidade indolente e a insensatez públicas e se refletem na *deserção*, com impacto direto em grandes projetos no país com a participação dos militares, seja porque nenhuma empreiteira se interessou ou porque as empresas acordadas não conseguem cumprir o contrato.

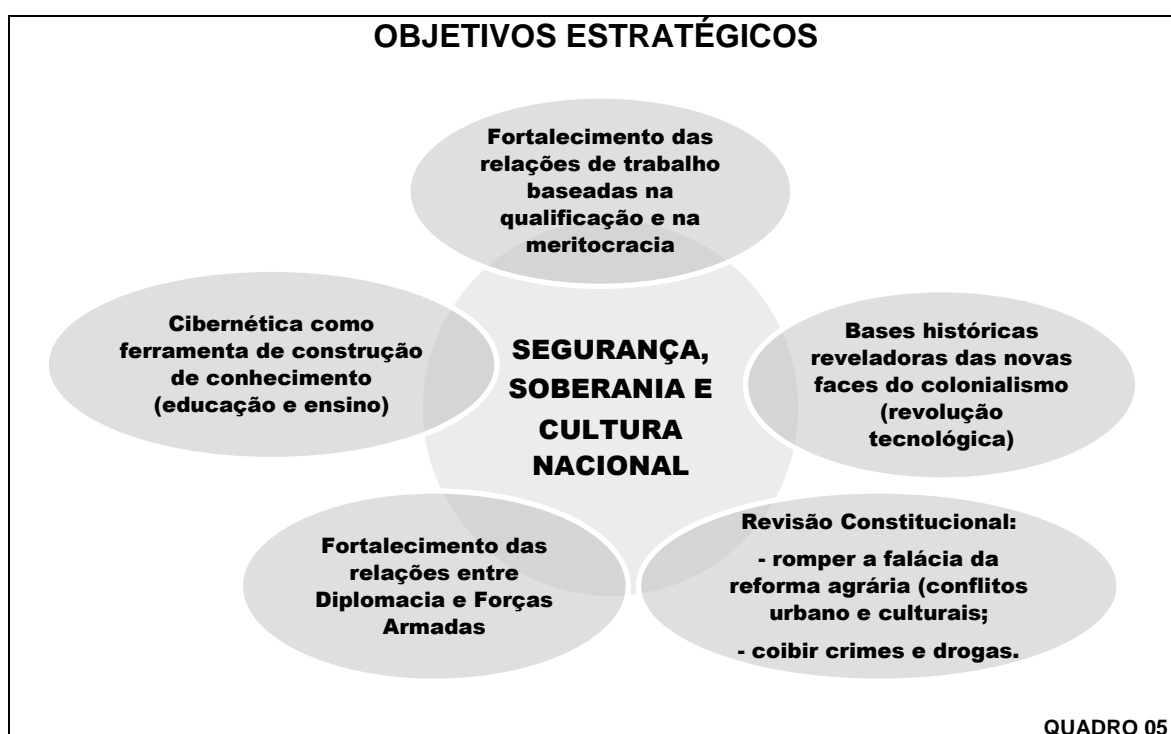
Na esfera da Segurança e Defesa, a defesa cibernética brasileira, embora conte com um centro militar de estudos criado em 2012, continua a ser frágil perante os ataques e invasões em face da dificuldade de conservar profissionais dentro das Forças e a questão salarial é, de fato, um dos motivos que levam a essa fuga. Os profissionais mais qualificados são seduzidos para a iniciativa privada numa guerra desigual, com enorme vantagem para o campo adversário das Forças Armadas.

Em 2013, o Ministério da Defesa foi o que sofreu o maior corte entre as pastas. O orçamento caiu de 4,5 bilhões em 2013 para 3,5 bilhões de reais neste ano e a perspectiva de grandes inovações vindas dos militares é tão longínqua quanto as suas principais realizações – como a primeira transmissão de telégrafo no país, em 1851, na Escola Militar do Rio de Janeiro.



O descaso com a capacitação das FFAA e do Serviço Diplomático já sinaliza uma concepção de soberania plena restrita aos países desenvolvidos escudados em *nobres causas* que deterioram e limitam a soberania de países emergente (Cabral Filho, 2002).

Resta adicionar que o resgate de qualquer esperança no futuro, reside, supõe-se, em confiar que um país desenvolvido se ergue consolidando as instituições e que o enfrentamento às ameaças que pairam sobre ele depende de todos – civis e militares, conforme se esboça nos Objetivos Estratégicos sugeridos no Quadro 05, na medida em que o Brasil é a cada momento um pouco de todos nós.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGNEW, John. *Sovereignty Regimes: territoriality and state authority in contemporary world politics*. *Annals of the Association of American Geographers*, 95 (2), pp. 437-461, 2005. Charter of the United Nations, June 26, 1945. <http://www.yale.edu/lawweb/avalon/un/unchart.htm>. 10/07/2008.
- BARRY, A. *Political machines: governing a technological society*. London: Athlone Press, 2001.
- CABRAL FILHO, Severino Bezerra. *Amazônia e globalização: reflexão em torno de alguns possíveis futuros*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Estratégicos. Agosto de 2002 [fonte policopiada; dados incompletos].
- CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.
- CÔRTEZ, Marcos Henrique Camillo. *Preservação do Estado Nacional ante o processo de globalização*. Rio de Janeiro: Revista da Escola Superior de Guerra, Ano XII, nº 34. 1997.
- COSTA, Rejane Pinto. *Multiculturalismo e Estudos para a Paz: articulação possível no preparo e no emprego de militares para missões de paz*. Tese de Doutorado PP-GE. UFRJ. Rio de Janeiro, 2009.
- JANSEN, Carlos. *Única saída é descer o Morro*. Rio de Janeiro: Entrevista com Ricardo Miranda. Equipe do Correio (online). 2008.
- NOVAES, E. *Tecnologia a serviço da segurança* (depoimento). **Cadernos FGV Projetos: Segurança pública em foco**, ano 6, n. 18, p. 26-31, 2012.
- OLIVEIRA, João Roberto de. *Sistema de segurança e defesa cibernética nacional: abordagem com foco nas atividades relacionadas à defesa nacional*. In: BARROS, Otávio S. R.; GOMES, Ulisses M. G.; FREITAS, Whitney L. de. (Org.). **DESAFIOS ESTRATÉGICOS PARA A SEGURANÇA E DEFESA CIBERNÉTICA**. Brasília: Secretaria de Assuntos Estratégicos,
- RAMONET, Ignacio. *Guerras do século XXI: novos medos, novas ameaças*. 2ª ed. Porto: Campo das Letras, 2003. ISBN 972-610-570-6.
- RAMALHO, José Luís Pinto – O conflito assimétrico e o desafio da resposta: uma reflexão. *Revista Militar*, 26 de Outubro de 2007 (referência de 10 Abril de 2014).
- WESLEY, Maria Helena de Amorim. **CIBERNÉTICA E CULTURA: TRANSIÇÃO E CONFLITOS NA SEGURANÇA E NA SOBERANIA**. Trabalho apresentado no III Congresso de Ciências Militares – ECEME em 15 de agosto de 2013.
- \_\_\_\_\_. *Fronteiras transnacionais, territórios cibernéticos e os impactos na Cultura e na Soberania Nacional*. SEMINÁRIO SOBERANIA NACIONAL E RELAÇÕES INTERNACIONAIS - NATUREZA DAS FRONTEIRAS: INSTITUCIONAL E EXTRALIMITES, ABD (Academia Brasileira de Defesa), 22/10/2011. Rio de Janeiro. Disponível em [TEXTOS BRASILEIROS](http://www.brasilbrasileiro.pro.br) (<http://www.brasilbrasileiro.pro.br>).
- \_\_\_\_\_. *Território, Fronteiras e soberania: a Nova Face Corsária na Amazônia Brasileira e as Forças Armadas*. Extraído da Tese de Ph.D BRASIL: TRANSFORMAÇÕES INTERNAS, RELAÇÕES EXTERNAS E A DEFESA NACIONAL. Rio de Janeiro: Editora PUBLIT, 2010. Disponível em [TEXTOS BRASILEIROS](http://www.brasilbrasileiro.pro.br) (<http://www.brasilbrasileiro.pro.br>).
- The National Security Strategy of the United States of America*. September, 2002. <http://www.whitehouse.gov/nsc>, acesso 08/12/2011.